

Sarney vê Jânio contra Brizola

Ricardo Noblat

Na última quinta-feira, dia 16, a candidatura do prefeito Jânio Quadros à sucessão presidencial em 1989 freqüentou o almoço oferecido no Palácio da Alvorada pelo presidente José Sarney aos governadores Miguel Arraes, de Pernambuco, e José Aparecido de Oliveira, do Distrito Federal. Não, não foi José Aparecido, janista histórico, quem examinou a conveniência do apoio ao projeto do prefeito de disputar o lugar ao qual renunciou em 1961, depois de seis meses de acidentado governo.



Foi o próprio presidente Sarney quem serviu a candidatura de Jânio — para satisfação de José Aparecido e uma certa surpresa de Arraes. Não foi a seco, não senhor. Jânio foi servido ao molho picante do líder com mais carisma para enfrentar e derrotar o ex-governador Leonel Brizola. Sarney contou aos governadores que se empenhara, durante certo tempo, em administrar o poder em aliança com as forças de centro-esquerda — especialmente aquelas que se abrigam no PMDB.

Não foi bem-sucedido. Sem apoio, viu a aliança se desfazer à sua revelia. Não disse aos governadores com quem governa atualmente — nem eles lhe perguntaram. Ao analisar o quadro político e eleitoral do país no momento, disse que via o espaço da esquerda radical ocupado pelo PT do deputado Luiz Inácio Lula da Silva. Falou dos “bolsões de resistência” que ocupam o espaço da extrema direita. No arremate do seu raciocínio, disse vislumbrar o embate populista entre Jânio e Brizola.

— Meu compromisso histórico é com as correntes populares — esquivou-se Arraes, que ouviu mais do que falou durante o almoço, segundo um amigo de Sarney. Há mais de um mês, Arraes ouvira de José Aparecido que ele lançara a candidatura de Jânio à presidência só para barrar o crescimento do nome de Brizola e para preencher o vazio político daquele instante. José Aparecido observou que a candidatura de Jânio não era para valer, que Sarney não tinha candidato e que Arraes seria importante na sucessão.

O que pensa Arraes sobre o que lhe disse José Aparecido e, depois, o presidente, é algo que ele não revela a ninguém, fiel ao estilo discreto que cultiva por razões de temperamento, esperteza e prazer. Arraes acompanha com preocupação as articulações em torno da candidatura de Jânio que atrai, pelo menos por ora, o entusiasmo do jornalista

ta Roberto Marinho, dono das Organizações Globo, e que não causa ojeriza no governador Orestes Quéricia, de São Paulo.

Recentemente, Quéricia conversou no Palácio do Bandeirantes com o senador Severo Gomes (PMDB-SP). Os dois examinaram a crise do PMDB, a formação do novo partido do senador Mário Covas, a situação do governo de Sarney, as preliminares da próxima sucessão presidencial — e a certa altura do encontro, o governador concluiu, despretenciosamente: “É, o jeito é Jânio”. Nada mais disse a respeito. Foi uma frase solta que brilhou como um corisco no céu. Severo Não a comentou.

O senador está no PMDB, ficará no PMDB, se esforçará para eleger presidente o candidato do PMDB, mas admite que tudo concorre para a eleição de Brizola. “Ao longo da nossa história, sempre se elege o candidato das chamadas forças populares”, argumenta Severo. “E quem, no momento, se não Brizola se identifica mais com essas forças?” O ex-governador do Rio de Janeiro está rindo à toa do acúmulo de dificuldades no meio do caminho dos seus possíveis adversários.

A candidatura de Ulysses está, seriamente, abalada com a saída dos dissidentes do PMDB. O novo partido desfila, desde já, como o terceiro em número de parlamentares no Congresso. Deverá engordar depois das eleições municipais de novembro. Sofre com a saída dos senadores Mário Covas e Fernando Henrique Cardoso, e do ex-governador Franco Montoro, a candidatura de Quéricia que perde o discurso à esquerda. Não é certo que no segundo turno da eleição presidencial o PMDB e o novo partido marchem juntos.

Compraz Brizola ver a candidatura a presidente do ministro Aureliano Chaves descer pelo ralo por causa da dissidência aberta no PFL pelo senador Marco Maciel. O destino do PFL parece ser e de coligar-se para apoiar a candidatura patrocinada por outro partido — talvez pelo PTB de Jânio, talvez pelo PMDB do próprio Ulysses. A política é como uma nuvem, já o disse o ex-governador Magalhães Pinto. Como uma nuvem, ela muda a cada instante. Só que candidato a presidente da República não se inventa facilmente.

Muito menos candidato com chances reais de disputar e de vencer. Os prováveis candidatos à sucessão de Sarney estão aí — e Jânio e Brizola foram os que partiram na frente e os que despontam como os mais viáveis. Por ora, Quéricia e Ulysses correm atrás — e o governador Newton Cardoso corre por fora. Não deve ser desprezado. Anda citando Shakespeare, ultimamente. Sério.